

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento Geográfico 4

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico 4 [recurso eletrônico] /
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento
Geográfico; v. 4)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-81-9

DOI 10.22533/at.ed.819181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “ *A Produção do Conhecimento Geográfico*” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 15 capítulos, discussões de diferentes vertentes da Geografia humana, com ênfase na educação.

A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia educacional, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação de trabalho, mas também são incluídos fatores econômicos, naturais, tecnológicos e gênero.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia humana, apresenta artigos alinhados com educação, vivência, cultura e relações sociais. A importância dos estudos geográficos educacionais é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços escolares.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

GEOGRÁFIA E EDUCAÇÃO

CAPÍTULO 1	1
PENSAR AS JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS É PENSAR O ENSINO E O CURRÍCULO DA GEOGRAFIA	
Victor Hugo Nedel Oliveira Miriam Pires Corrêa de Lacerda Andreia Mendes dos Santos	
CAPÍTULO 2	16
A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): O LIVRO DIDÁTICO, O LUGAR E O MUNDO	
Marcos Aurélio Gomes da Silva Armstrong Miranda Evangelista	
CAPÍTULO 3	28
FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA: A IMPORTÂNCIA DO USO DO ATLAS ESCOLAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Reginaldo Firmo Júnior Raul Reis Amorim	
CAPÍTULO 4	35
PRÉ - VESTIBULARES POPULARES: CURRÍCULO E ENSINO DE GEOGRAFIA EM DISPUTA.	
André Tinoco de Vasconcelos	
CAPÍTULO 5	43
A CONSTRUÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE PÓS- GRADUAÇÃO	
Adilson Tadeu Basquerote Silva Eduardo Pimentel Menezes Rosemy Da Silva Nascimento	
CAPÍTULO 6	53
A VISIBILIDADE DAS TEORIAS RACISTAS NOS CONTEÚDOS DA ÁFRICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO PÓS LEI 10.639/03.	
Waldnely Gusmão da Silva Amélia Regina Batista Nogueira	
CAPÍTULO 7	60
VIVENCIANDO EXPERIÊNCIAS DESENVOLVIDAS COM A GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Denise Wildner Theves Nestor André Kaercher	
CAPÍTULO 8	69
CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS DADOS DA II PNERA (1998-2011)	
Rodrigo Simão Camacho	

CAPÍTULO 9	82
CURRÍCULO E O ENSINO DE GEOGRAFIA: ORIENTAÇÕES CURRICULARES E EDUCOPÉDIA NA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO	
Renata Bernardo Andrade	
CAPÍTULO 10	96
MOBILIDADE ESPACIAL E OPORTUNIDADES EDUCACIONAIS: ANALISANDO A PENDULARIDADE DOS ESTUDANTES NO NORTE FLUMINENSE	
Jéssica Monteiro da Silva Tavares Elzira Lúcia de Oliveira	
CAPÍTULO 11	111
O CONTEXTO INTERDISCIPLINAR NO ESTUDO DOS MAPAS: PROPOSTA DO CURSO DE CARTOGRAFIA ESCOLAR NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	
Vânia Lúcia Costa Alves Souza Cristina Maria Costa Leite	
CAPÍTULO 12	121
EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PERSPECTIVA DE ANÁLISE: DESTINO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS PRODUZIDOS PELOS MORADORES DAS CASAS FLUTUANTES DO LAGO DE TEFÉ E IGARAPÉ XIDARINI-TEFÉ-AM	
Elklândia Gomes da Silveira Eubia Andréa Rodrigues	
CAPÍTULO 13	132
A LINGUAGEM DO CINEMA NA GEOGRAFIA OU A GEOGRAFIA NA LINGUAGEM DO CINEMA? DISCUSSÕES E CONCEITUAÇÕES DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA NO ENSINO DA CATEGORIA FRONTEIRA EM SALA DE AULA	
Daniel Moreira de Souza	
CAPÍTULO 14	143
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O USO DO GEOPROCESSAMENTO	
Laira Cristina da Silva João Henrique Santana Stacciarini	
CAPÍTULO 15	152
JEAN PIAGET E EDGAR MORIN FRAGMENTANDO O PENSAMENTO LINEAR NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO CARTOGRAFICO NAS AULAS DE GEOGRAFIA	
Paulo Roberto Florêncio de Abreu e Silva Antonio Carlos Castrogiovanni Ijaciara Barros de Abreu	
SOBRE A ORGANIZADORA	161

FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA: A IMPORTÂNCIA DO USO DO ATLAS ESCOLAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Reginaldo Firmo Júnior

Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense.

E-mail de contato: regifirmo@yahoo.com.br

Raul Reis Amorim

Docente do programa de pós-graduação da Universidade Federal Fluminense.

E-mail de contato: raul_reis@id.uff.br

RESUMO: O trabalho propõe a investigação da importância do uso de atlas escolar, no ensino de Geografia, na modalidade da educação básica, analisando em que medida o espaço geográfico pode ser entendido. Para isso, a formação docente, o conhecimento do novo alunado, as categorias geográficas, as tecnologias disponíveis e a apropriação dos mapas e atlas como ferramentas do Ensino de Geografia tornam-se vitais para o processo ensino-aprendizagem contribuindo ao desenvolvimento de novas formas de se conceber aulas.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço geográfico; Recurso Pedagógico; Escala.

ABSTRACT: The paper proposes to research the importance of the use of school atlas, geography, education in basic education, analysing the extent to which the geographical space can be understood. To this end, the teacher training, the knowledge of the new

students, the geographical categories, available technologies and the appropriation of maps and atlases geography education tools become vital to the teaching-learning process by contributing to the development of new ways of conceiving class.

KEY-WORDS: Geographic space; Educational Resource; Scale.

1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa demonstrar a importância do uso de atlas escolar, no ensino de Geografia, na modalidade da educação básica, analisando em que medida o espaço geográfico pode ser entendido a partir da categoria de lugar e a articulação de escalas desenvolvendo novas formas de se produzir aulas.

O atlas municipal tende a buscar as identidades, as percepções e os significados do aluno sobre o entendimento da sua realidade, é (re)construir o ambiente escolar associando conhecimentos científicos/escolares à experiências individuais, olhares empíricos, possibilitando a compreensão dos fenômenos similares ao mudar para uma escala maior.

É a escala por meio das conceituações geográficas e cartográficas que vinculam tais fenômenos, as especificidades espaciais através de um atlas regional, e por fim, global. Sendo

assim, as várias concepções sobre o tema pode desenvolver atlas que possibilitem o estudo desde a utilização dos recursos hídricos, a vegetação, do manejo do solo, das questões ambientais, da formação do relevo, das redes de transporte, dos fatores locais do sistema produtivo, das fontes de energia, das questões culturais, ou seja, todos os temas específicos até os transversais que permeiam a disciplina de Geografia, eles podem ser um recurso pedagógico incentivador que adicionadas às aulas expositivas tornam-se uma nova estratégia de dinamização didática.

Em suma espera-se que a Geografia possa se tornar interessante para o discente que frequenta a educação básica, uma vez que despertado o interesse por essa disciplina, é iniciada a formação de um cidadão crítico. Como objetivo pretende-se demonstrar que a articulação de escalas a partir do uso de atlas geográfico na formação de professores, é fundamental para o sucesso no processo ensino-aprendizagem na posterior atuação do profissional licenciado em Geografia.

Para isso, deve voltar-se a formação docente, o atlas geográfico e seus recortes temáticos podem viabilizar que o professor não enxergue o aluno como somente um receptor de conteúdos, sua realidade deve ser considerada como ponto chave no processo ensino-aprendizagem, logo o professor agrega um novo significado em sua prática: mediador. Ele deve realizar um esforço metodológico para tornar a aula mais dinâmica e interativa, deve estar ciente da sua necessidade em ser pesquisador, ser crítico com si mesmo para depois buscar a criticidade do aluno, compreender a identidade cultural da sociedade que está inserido, além disso, o recém licenciado deve dominar as técnicas e tecnologias necessárias para selecionar os conteúdos capazes de tornar a aula em um ambiente de reflexão, a cartografia e o saber sobre mapas colaborativos ou temáticos não podem ser obstáculos para esses novos profissionais, ou seja, não basta demonstrar a excelência do atlas geográfico como ferramenta, enquanto o profissional licenciado em Geografia não tiver domínio dos conhecimentos cartográficos e da linguagem dos softwares capazes de auxiliar nesse processo de confecção de mapas.

2 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho buscou sua metodologia a partir de um conjunto de pesquisas, considerando as relações envolvidas em um ambiente escolar e sugerir novas formas de construção de conhecimento, utilizou-se a pesquisa qualitativa. Nota-se que a forma atual de aulas fica, por muitas vezes, presa ao livro didático o que torna um mal hábito docente, principalmente para a Geografia, a ciência geográfica tem em sua prática o compromisso com a interpretação do mundo e não com a reprodução de conteúdos, comuns aos livros didáticos.

Considerando a importância dos materiais já produzidos, foi realizada a pesquisa bibliográfica, pois com intuito de se adequar a nova realidade vivida pelas escolas

a fundamentação teórica, retornando aos conceitos básicos e a sua importância, o objetivo é adequá-los e não descartá-los.

Considerando a relação formação docente e ensino-aprendizagem, levantamentos sobre Ensino de Geografia, categorias da Geografia, conceituação de mapas e atlas, tecnologias e a realidade das escolas. Buscou-se assim, através de vários temas da Geografia a forma que se apresentaria mais lúdica e dinâmica para os alunos, chegando então no atlas como a síntese de uma forma criativa e efetiva de produção de aulas.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Educação Básica passa por um período de dúvidas e reformulações onde o ambiente escolar deve agregar os saberes da comunidade que está inserida. Dessa forma, o docente deve estar preparado para o dinamismo social e a sua nova realidade, contribuindo para o papel que Escola não deveria ter perdido: a formação de um cidadão crítico.

Em uma sociedade movida pela urgência do progresso, onde nas entrelinhas as escolhas, a cultura e todas as mais variadas relações sociais são influenciadas, e por muitas vezes decididas, por um condicionante financeiro, poderia dizer que “Ser Professor” significa: ser uma mera ferramenta onde direciona as massas de acordo com os anseios do capital. Porém com um olhar mais crítico, nostálgico e até mesmo utópico, “Ser Professor” vem a ser algo mais.

O desafio primeiro para o docente é a própria conscientização da sua função, o professor em sua prática profissional é um interventor da dinâmica social, logo a reprodução de saberes não deve fazer parte da nova forma de se fazer Escola, se o aluno deve ser um cidadão crítico, o que se espera dele, a princípio, é ser capaz de pensar sobre o mundo, refletir suas ações, não se acomodar a verdades únicas impostas de forma naturalizada, ou seja, é ser cidadão e por consequência ser crítico.

Neste ponto, uma das soluções para iniciar a construção desse novo cidadão é trazer para o ambiente escolar discussões que envolvam sua comunidade, começando assim a problemática pela escala local, tendo o Ensino de Geografia a responsabilidade de propiciar os debates e o professor de Geografia a função de mediador da construção do saber.

Apesar de todas as dificuldades, o professor pode encontrar na relação dialógica com o aluno um caminho que ofereça pistas com possíveis esclarecimentos sobre as razões de os alunos fazerem uma determinada representação do mundo pouco usual para a Geografia. Este é um bom ponto de partida para o aluno ir incorporando e acrescentando novas apreensões sobre a realidade, tendo na mediação do professor de Geografia as possibilidades de construir novas referências. (KIMURA, 2010, p.67)

Se a representação do mundo é a chave para a interpretação dos espaços, o Geógrafo tem em sua prática docente a obrigação da apropriação dos mapas em seu

trabalho. Outras áreas do conhecimento também se utilizam desses recursos, como as diversas Engenharias, a Informática, a Economia, entre outras, porém a interpretação dos fenômenos qualitativos e quantitativos dos espaços, bem como as relações sociais atrelados com as mais distintas culturas, os aspectos físicos do relevo, as temporalidades, as vivências, os usos dos recursos, as inúmeras evoluções naturais e transformações antrópicas, tudo isso de forma integrada e complexa compõe a área da Geografia.

Desta forma, a interpretação de mapas é capaz de apresentar fenômenos de forma mais clara e intuitiva se aproximando de uma aula mais lúdica e atrativa, além de apresentar de forma clara, quando o mapa é bem elaborado, dados e conceitos de forma visual e simples. A questão chave aqui é habilitar o aluno a interpretar essa informação descrita. “Ler mapas é um processo que começa com a decodificação, envolvendo algumas etapas metodológicas as quais devem ser respeitadas para que a leitura seja eficaz”. (ALMEIDA e PASSINI, 2010, p.17)

Os mapas devem ser os mais claros e objetivos possíveis, o docente deve estar ciente sobre em que momento ele poderá ser utilizado, uma vez que a Educação Básica compreende o Fundamental I, o Fundamental II e o Ensino Médio. Cada nível de escolaridade tem suas habilidades e competências a serem desenvolvidas e a sensibilidade docente definirá se o tipo de tema que um mapa aborda atende as especificações dos anos de escolaridade.

No Ensino Fundamental I, o docente deve respeitar as abstrações comuns às crianças não se exigem delas, um mapa com todos os elementos corretos, a criança possui tempo para alcançar a maturidade de pensamentos, portanto o mapa do bairro, o mapa da rua que o professor solicitar ao aluno, mesmo que parecidos mais com “desenhos” devem ser considerados e aproveitados (ALMEIDA, 2003).

Sendo assim os mapas podem ser utilizados em toda a Educação Básica motivando os alunos a compreender as partes do mapa: Título, legenda, escala e as demais informações, de acordo com a sua fase escolar. A compreensão do espaço, localização, orientação e representação são conhecimentos desenvolvidos desde as séries iniciais.

A compreensão do mapa por si mesma por si mesma já traz uma mudança qualitativamente superior na capacidade do aluno pensar o espaço. O mapa funciona como um sistema de signos que lhe permite usar um recurso externo à sua memória, com alto poder de representação e sintetização. (ALMEIDA e PASSINI, 2010, p.13).

Como podem ser utilizados desde as séries iniciais, a forma mais prática de inserir o conhecimento sobre mapas é a utilização dos atlas escolar. Neste trabalho considera-se a concepção do atlas como um conjunto de mapas com temas diversos e variados.

O atlas escolar é um material fundamental, bem como o mapa de mural, pois eles apresentam aos alunos códigos que não os construídos por eles mesmos. Esses materiais introduzem os alunos à uma linguagem convencional, buscando a compreensão da existência de normatização e constituição de uma linguagem universal. O entendimento desses códigos é uma decodificação que passa a ser

um exercício de leitura de mapas e, por que não, de uma forma de leitura de do mundo, em que as representações começam a ganhar significados. (KIMURA, 2010, p.96)

É possível perceber que o manuseio de um atlas pode apresentar vários mapas, onde as abstrações dos conteúdos podem variar de escala. Primeiramente, o docente deve estar seguro das categorias geográficas e como transitar entre o atlas sem a certeza da convicção da Escala? De forma bem simples, a escala cartográfica deve ser compreendida, pois é um dos elementos dos mapas. O aluno deve aprender que a escala serve para reduzir ou ampliar os fenômenos, por exemplo, em um mapa de rodovias do Brasil, que utiliza o Km para indicar as distâncias, apresentar a escala 1: 300 significa que cada centímetro daquele mapa corresponde a 300Km do tamanho real da estrada, ou seja, nesse exemplo reduzimos o tamanho real para um tamanho “fictício” para caber no mapa. A redução foi de 300 vezes do tamanho real.

Observe que até agora a escala tratada corresponde a sua forma numérica e a gráfica comum aos mapas. Por sequência, a escala enquanto representação de fenômenos quantitativos e qualitativos pode variar do local ao global. Esta escala geográfica não se apresenta de forma simplória para os leigos ela é interpretada, é necessário aprender a ler os mapas, como por exemplo, um mapa criado para traçar a fome no mundo, começando deste o Município do aluno, mudando de escala para o Estado, depois a Nação e por fim ampliando o fenômeno para o Globo.

A escala é, na realidade, a medida que confere visibilidade ao fenômeno. Ela não define, portanto, o nível de análise, nem pode ser confundida com ele, estas são noções independentes conceitual e empiricamente. Em síntese, a escala só é um problema epistemológico enquanto definidora de espaços de pertinência da medida dos fenômenos, porque enquanto medida de proporção é um problema matemático. (CASTRO *et al.* 2012, p.123)

É importante salientar que este trabalho não tem por objetivo discussões a título de aprofundamento dos problemas da conceituação e dicotomia na Geografia do conceito de Escala. O que se propõe é a aceitação de formas diferentes de se interpretar escala e como ela será evidenciada e trabalhada nos mapas e por consequência no atlas.

A escala local é a fundamental para iniciar as interpretações dos alunos é através do lugar que eles constroem suas identidades seus simbolismos, sua noção de pertencimento e a partir daí que os fenômenos podem ser ampliados para o entendimento da escala global.

O docente enquanto mediador entre os saberes escolares e a realidade vivida pelo aluno será o responsável pela construção de uma nova forma de se produzir conhecimento (FREIRE, 2013).

A formação do professor deve ser capaz de buscar do aluno o máximo da sua realidade, transformando-o no foco, em uma abordagem mais individual, como uma espécie de recorte do coletivo, pois a importância aqui será como o aluno interage, qual a sua percepção com o espaço, qual o seu entendimento sobre as suas condições em relação aos fenômenos geográficos, logo, território e lugar aglomeração humana e

privacidade, modo de vida e economia, religião e sentimentos acabam fazendo parte deste discurso.

As categorias da Geografia não são excludentes umas as outras, essa mediação é responsabilidade do professor e o uso do atlas facilita essa relação. Tratar de escala e lugar não significa deixar de abordar, por exemplo, as concepções de território estão fortemente atreladas às questões socioculturais de todos.

Não é possível falar de escala local e global sem passar pelo conceito de região, os mapas são instrumentos de representação espacial que tem no recorte regional particularidades dos saberes geográficos, sendo demonstrados à medida que transita da parte para o todo através da escala (LENCIONI, 1999).

Não se pode resumir o atlas ao material analógico presente na maioria das escolas, se o objetivo é estreitar os laços entre a escola e os alunos as tecnologias não podem ficar as margens do processo educacional, ferramentas como o Google Earth, os softwares de geoprocessamento como o ArcGis e o QGis, por exemplo e até mesmo o atlas digital fornecido gratuitamente pelo IBGE, devem ser utilizados e divulgados seja, dependendo do grau de conhecimento, para produzir mapas ou simplesmente interpretá-los.

O atlas passa a ter uma função vital no Ensino de Geografia e também a apropriação dessa ferramenta como vital a ciência geográfica. Pode ser usado como forma transformadora do ensino, desde as formas mais lúdicas, quanto em aula metodologicamente bem preparada nas aulas expositivas que de forma dialógica produz uma atividade criativa vinculando os saberes dos alunos e as expectativas do professor (VEIGA, 1997).

Espera-se com isso, primeiramente a formação docente de forma a preparar o professor a discutir em sala de aula de maneira mais segura os conceitos de Geografia, é acessar o mundo do alunado e buscar as informações trazê-las para a sala de aula. É ser pesquisador, construir aulas criativas, interativas, inovadoras, é retornar para a escola a sua função de formação de um cidadão crítico, é adotar novos valores (Pontuschka et al. 2007).

A didática não deve ser esquecida, ela é canal entre o docente e o discente, qualquer ruído neste caminho causaria interferência e a comunicação estaria comprometida, ou seja, se o professor não conseguir um método capaz de expor conteúdos, de modo claro, a seus alunos, logo a produção do conhecimento estaria em risco (TAVARES, 2011).

Neste ponto, o livro didático se torna um dos recursos mais utilizados pelo docente para a construção dos saberes e complementá-lo com novos recursos e métodos como os mapas e o atlas, seria uma grande saída para a concepção de uma nova aula.

Por fim, a formação docente deve está associada à independência do Professor e por consequência a do aluno, não se deve separar vontades dos alunos e dos professores, a mediação é o caminho. Neste ponto, o uso do atlas pode ser a junção do abismo firmado na educação entre alunos e professores.

4 | CONCLUSÕES

A utilização de atlas escolar torna-se vital ao Ensino de Geografia, pois ele é capaz de trazer a discussão de vários temas além das categorias geográficas, como é o caso da Escala e do Lugar.

Os mapas temáticos são capazes de vincular o espaço vivido dos alunos e apresentar novos paradigmas antes desconhecidos. Sua utilização deve ser iniciada nas séries primeiras do ensino fundamental o que culminará em leituras e interpretações mais claras nos anos finais da educação básica.

Para tanto, a formação docente é crucial, pois o professor torna-se o mediador entre as realidades vividas pelos alunos e os conceitos científicos construindo os saberes escolares. A concepção das aulas devem respeitar metodologias de modo a facilitar essas junções.

Em uma sala de aula os conteúdos abordados necessitam ser atrativos para se criar um ambiente propício ao aprendizado. As atividades lúdicas como música, jogos, vídeos, mídias, as tecnologias de Informação e comunicação (TICs) de forma geral podem ser uma ferramenta inovadora e criativa, logo, um atlas pode associar essas visões, respeitando primeiramente a escola, pois algumas podem oferecer recursos onde o atlas digital possa ser utilizado e outras sem esses recursos tecnológicos, também podem utilizar o atlas, porém de forma analógica. O atlas se apresenta, então, como um instrumento do Ensino de Geografia capaz de aproximar docentes e discentes, propiciando um ambiente novo para difundir os conhecimentos geográficos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Do Desenho ao Mapa: iniciação cartográfica na escola**. São Paulo: Contexto, 2003.(caminhos da geografia)

ALMEIDA, R. D. e PASSINI, E. Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 15 ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2008. (Repensando o ensino).

CASTRO, I. E. *et al.* (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 15 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 47 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

KIMURA, S. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LENCIONI, S. **Região e Geografia**. São Paulo: Edusp, 1999.

PONTUSCHKA, N. N. *et al.* **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

TAVARES, R. H. **Didática Geral**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

VEIGA, I. P. A. **Técnicas de ensino: por que não?**. Campinas: Papirus, 1997.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-81-9



9 788585 107819